



Revista Ciência et Praxis

Perfil de saúde mental dos professores universitários de instituições públicas mato-grossenses durante a pandemia da COVID-19.

Mental health profile of university professors in public institutions in Mato Grosso during the COVID-19 pandemic.

Perfil de salud mental de profesores universitarios de instituciones públicas de Mato Grosso durante la pandemia de COVID-19.

Érica Baggio^{1,2}, Mariano Martinez Espinosa¹, Vagner Ferreira do Nascimento², Natalia Priolli Jora³, Adriana Inocente Miasso³, Sandra Cristina Pillon³, Ana Cláudia Pereira Terças Trettel^{1,2}

¹Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, Mato Grosso, Brasil.

²Universidade do Estado de Mato Grosso, Barra do Bugres, Mato Grosso, Brasil.

³Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, São Paulo, Brasil.

RESUMO

Introdução: A pandemia da COVID-19 trouxe desafios para os professores universitários, potencializando o risco de sofrimento e adoecimento mental.

Objetivo: Descrever o perfil sociodemográfico, laboral e de saúde mental dos professores universitários de instituições públicas mato-grossenses durante a pandemia da COVID-19.

Métodos: Estudo observacional, transversal e quantitativo, desenvolvido no período de março a julho de 2022, no Estado de Mato Grosso, Brasil. Para a coleta dos dados, utilizou-se informações sociodemográficas, laborais e a Escala Transversal de Sintomas de Nível 1 Autoaplicável do DSM-5.

Resultados: Participaram 607 docentes, a maioria mulheres (56,18%), adultos (70,01%), com companheiro (64,42%), brancas (62,44%), religião (77,92%), possuíam filhos (61,94%) e renda mensal ≥ 8 salários mínimos (68,70%). A maioria atuava na área de Ciências da Saúde (26,69%), possuíam doutorado (50,58%), experiência > 12 anos na docência universitária (39,21%) e apenas um vínculo profissional (83,03%), sendo este efetivo (72,98%). Mais que a metade foi classificada com sobrepeso ou obesidade (56,51%), sedentários (54,86%), fazia uso de medicação contínua (51,90%), diagnosticados com problema de saúde (48,27%), principalmente psicoemocional (35,91%). Na avaliação do perfil de saúde mental, verificou-se a presença elevada de sintomas positivos de ansiedade (83,20%), mania (70,84%), estresse (64,09%), depressão (61,45%), sintomas somáticos (61,12%), raiva (57,66%), uso de substâncias (54,53%) e distúrbio do sono (50,58%).

Conclusão: O perfil de saúde mental dos professores universitários mato-grossenses evidencia um quadro de alerta e preocupação relacionado à saúde psicoemocional que requer o desenvolvimento de ações de cuidado e proteção à saúde mental docente e consequente elevação de sua qualidade de vida.

Palavras-chave: Saúde Mental; Docentes; Ensino Superior; COVID-19.

Correspondência:

Érica Baggio

Universidade do Estado de Mato Grosso, Barra do Bugres, Mato Grosso, Brasil.

E-mail:

erica.baggio@unemat.br

ABSTRACT

Introduction: The COVID-19 pandemic has posed challenges for university professors, increasing the risk of suffering and mental illness.

Objective: To describe the sociodemographic, employment, and mental health profile of university professors from public institutions in Mato Grosso during the COVID-19 pandemic.

Methods: This observational, cross-sectional, quantitative study was conducted from March to July 2022 in the State of Mato Grosso, Brazil. Data was collected using sociodemographic and employment-related questions, as well as the DSM-5 Self-Administered Level 1 Cross-Section Symptom Scale.

Results: A total of 607 teachers participated, with a majority being women (56.18%), adults (70.01%), in a partnership (64.42%), of white ethnicity (62.44%), practicing a religion (77.92%), having children (61.94%), and earning a monthly income of ≥ 8 minimum wages (68.70%). Most worked in the field of Health Sciences (26.69%), held a doctorate (50.58%), had over 12 years of experience in university teaching (39.21%), and held only one professional contract (83.03%), of which the majority were tenured (72.98%). Over half were classified as overweight or obese (56.51%), sedentary (54.86%), used continuous medication (51.90%), and were diagnosed with a health problem (48.27%), primarily of a psycho-emotional nature (35.91%). The assessment of the mental health profile revealed a high prevalence of positive symptoms of anxiety (83.20%), mania (70.84%), stress (64.09%), depression (61.45%), somatic symptoms (61.12%), anger (57.66%), substance use (54.53%), and sleep disturbances (50.58%).

Conclusion: The mental health profile of university professors in Mato Grosso highlights a concerning situation related to psycho-emotional health, which necessitates the development of support and protective measures for the mental well-being of teachers, thereby enhancing their quality of life.

Keywords: Mental Health; Professors; Higher Education; COVID-19.

RESUMEN

Introducción: La pandemia de COVID-19 ha presentado desafíos a los docentes universitarios, aumentando el riesgo de padecer trastornos mentales.

Objetivo: Describir el perfil sociodemográfico, laboral y de salud mental de los profesores universitarios de instituciones públicas en Mato Grosso durante la pandemia de COVID-19.

Métodos: Este estudio es de naturaleza observacional, transversal y cuantitativa, llevado a cabo de marzo a julio de 2022, en el estado de Mato Grosso, Brasil. Para la recopilación de datos, se utilizaron preguntas sobre información sociodemográfica y laboral, así como la Escala de Síntomas Transversales de Nivel 1 Autoadministrada del DSM-5.

Resultados: En el estudio participaron 607 docentes, la mayoría de los cuales eran mujeres (56,18%), adultos (70,01%), con pareja (64,42%), de etnia blanca (62,44%), religiosos (77,92%), con hijos (61,94%) e ingresos mensuales de ≥ 8 salarios mínimos (68,70%). La mayoría de ellos trabajaba en el campo de Ciencias de la Salud (26,69%), tenía un doctorado (50,58%), más de 12 años de experiencia en la docencia universitaria (39,21%) y un solo contrato profesional (83,03%), de los cuales la gran mayoría era de carácter efectivo (72,98%). Más de la mitad de los participantes fueron clasificados como con sobrepeso u obesidad (56,51%), llevaban un estilo de vida sedentario (54,86%), utilizaban medicación continua (51,90%) y habían sido diagnosticados con algún problema de salud (48,27%), principalmente de índole psicoemocional (35,91%). En la evaluación del perfil de salud mental, se observó una alta prevalencia de síntomas positivos de ansiedad (83,20%), manía (70,84%), estrés (64,09%), depresión (61,45%), síntomas somáticos (61,12%), irritabilidad (57,66%), consumo de sustancias (54,53%) y trastornos del sueño (50,58%).

Conclusión: El perfil de salud mental de los docentes universitarios en Mato Grosso pone de manifiesto una situación de alerta y preocupación en relación con la salud psicoemocional. Esto requiere la implementación de acciones de apoyo y protección para la salud mental de los docentes, con el consiguiente aumento de su calidad de vida.

Palabras-clave: Salud Mental; Profesores; Educación Superior; COVID-19.

INTRODUÇÃO

Evidências apontam o contexto universitário como um desencadeador de adoecimento mental (XIANG et al., 2020; MA et al., 2022). Neste cenário, a profissão docente é considerada de risco psicossomático, devido o contato direto com outras pessoas, à alta exigência de adaptação constante, carga horária excessiva, baixa remuneração, dificuldade de gerenciar o tempo livre e de trabalho, além de sofrer pressão por produtividade e desempenho acadêmico (REBOLO; URT, 2022). Tal situação afeta diretamente o exercício profissional, contribuindo para elevadas taxas de absenteísmo e afastamento do trabalho, bem como para a qualidade do ensino e as relações socioprofissionais - com os pares, chefias e alunos (VIEIRA et al., 2023).

Além disso, os transtornos mentais representam a principal causa de incapacidade, sendo responsáveis por diminuir a expectativa de vida das pessoas com diagnóstico grave em média de 10 a 20 anos, quando comparadas à população em geral (WHO, 2022). Um estudo transversal desenvolvido em 2019, com docentes do ensino superior público do interior paulista, verificou uma prevalência de transtornos mentais comuns (TMC) de 18,7% (DONATO et al., 2021) e um nível elevado de estresse em 9,1% dos participantes (PEREIRA et al., 2022).

Os TMC são caracterizados pela presença de sintomas ansiosos, depressivos ou somáticos que não se enquadram de forma precisa nos sistemas atuais de classificação e diagnóstico, como o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, 5ª edição (DSM-5), e a 11ª edição da Classificação Internacional de Doenças (CID-11). Todavia, sintomas como insônia, fadiga, irritabilidade, esquecimento, dificuldade de concentração e queixas somáticas inespecíficas, entre outros, podem resultar em uma incapacidade funcional significativa, causando prejuízos psicossociais relevantes (DONATO et al., 2021; CAMPOS; VÉRAS; ARAÚJO, 2020).

Esse cenário tornou-se ainda mais desafiador com a emergência da pandemia da COVID-19, que forçou adaptações significativas nas relações sociais e de trabalho devido à implementação de medidas de saúde pública, como o isolamento social, o uso de máscaras faciais e o fechamento de espaços coletivos e de convivência (FARO et al., 2020; GARCIA, 2020; SANTOS; SILVA; BELMONTE, 2021). Evidências têm mostrado que o período da pandemia, somado a adoção das estratégias de mitigação do vírus, agravou ainda mais diversos transtornos mentais preexistentes e tem causado novos sintomas em indivíduos sem histórico de sofrimento mental prévio (FARO et al., 2020; SANTOS et al., 2021; SANTOS; SILVA; BELMONTE, 2021; TAUSCH et al., 2022).

Nesse cenário, os professores universitários enfrentaram diversas mudanças e adaptações em relação às atividades didático-pedagógicas, incluindo a implementação de novas modalidades e inovações no ensino, e tiveram que inovar a forma de ensinar (BROOKS; WEBSTER; SMITH, 2020; COELHO et al., 2021). Apesar das evidências sobre o impacto negativo da pandemia da COVID-19 na saúde mental de estudantes universitários em diferentes regiões (TORRES et al., 2021; OLIVEIRA et al., 2022; MEISTER et al., 2023), os estudos sobre a saúde mental de professores universitários, especialmente com amostras regionais abrangentes, como a de professores mato-grossenses, ainda são limitados (REBOLO; URT, 2022).

É importante considerar que as universidades públicas do estado de Mato Grosso apresentam particularidades que as diferenciam das instituições de outros estados do Brasil. Esse estado é caracterizado por sua vasta extensão territorial, o que influencia a distribuição das instituições de ensino superior mato-grossenses, levando algumas universidades a enfrentarem desafios relacionados à infraestrutura e à logística. Além disso, a dispersão populacional e as dificuldades de acesso aos meios tecnológicos, incluindo a disponibilidade de internet, podem ser fatores que dificultam o trabalho docente remoto (BENFICA, 2019).

Diante disso, surge a preocupação com o impacto da pandemia da COVID-19 na saúde mental dos professores universitários, que já era preocupante mesmo antes do surgimento dessa emergência de saúde pública (OZAMIZ-ETXEBARRIA et al., 2021). Assim, estudos dessa natureza são relevantes, uma vez que existe a necessidade de compreender, entre outros aspectos, o perfil de saúde mental dos professores universitários de diferentes regiões do Brasil. Dessa forma, é possível intervir de maneira oportuna nos problemas de saúde identificados e colaborar com melhorias nas condições laborais, que têm repercussões significativas não apenas para os próprios professores, mas também no

desempenho dos alunos (VIEIRA et al., 2023).

Nesse contexto, o presente estudo buscou descrever o perfil sociodemográfico, laboral e de saúde mental dos professores universitários de instituições públicas mato-grossenses durante a pandemia da COVID-19.

MÉTODOS

Trata-se de estudo observacional, transversal e quantitativo. A população do estudo foi constituída por professores universitários de Instituições de Educação Superior (IES) públicas do Estado de Mato Grosso, Brasil. De acordo a Sinopse Estatística da Educação Superior (2020) do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP, 2020), essa população é composta por 4.564 professores lotados em IES públicas, sendo 3.300 nas IES federais, composta pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), Universidade Federal de Rondonópolis (UFR) e Instituto Federal de Mato Grosso (IFMT), e 1.264 na Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT).

Para o presente estudo, utilizou-se a amostragem do tipo probabilística simples, e para o cálculo do tamanho amostral, considerou-se o total de professores vinculados às IES públicas mato-grossenses ($n=4.564$), uma proporção de 50%, um erro de 5%, um nível de confiança de 95%, uma taxa mínima de resposta estimada igual a 85% (ESPINOSA et al., 2019) e um acréscimo de 45% para possíveis perdas, totalizando uma amostra mínima de 607 professores universitários.

Foram incluídos os professores que atuavam no ensino superior público há pelo menos um ano nesta função. Foram excluídos os professores em afastamento temporário, em desvio de função e aqueles exercendo exclusivamente atividades na pesquisa ou administrativas.

A coleta de dados ocorreu por meio de formulário *on-line*, utilizando a plataforma Google Formulários®, no período de março a julho de 2022. A pesquisa foi amplamente divulgada e enviada à população de estudo por *e-mail*, utilizando uma lista de contatos elaborada pela pesquisadora a partir de dados públicos coletados nos *sites* das IES, garantindo, assim, o cumprimento da Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais.

O convite por *e-mail* foi enviado em quatro ocasiões, com um intervalo de 20 dias entre cada uma, excluindo da lista de contatos aqueles para os quais já havia sido registrada uma resposta. Além disso, foram solicitados às Coordenações de Curso e Pós-Graduação, bem como às Pró-Reitorias de Gestão de Pessoas, que compartilhassem o convite da pesquisa com o corpo docente. O *link* para o formulário também foi divulgado nas redes sociais *WhatsApp*, *Facebook* e *Instagram* dos pesquisadores.

Os professores que aceitaram participar e concordaram com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) *on-line*, o qual estava disposto antes dos itens do questionário, nos quais estavam descritos o objetivo do estudo, a metodologia de avaliação e o caráter voluntário da participação, compôs a amostra final de participantes da pesquisa. Os dados foram coletados por meio de um questionário elaborado pelos próprios autores para coleta contendo as características sociodemográficas, laborais e de saúde mental, bem como aspectos específicos relacionados à COVID-19.

As variáveis para caracterizar os aspectos sociodemográficos foram: sexo (feminino; masculino), faixa etária (18 a 29; 30 a 39; 40 a 49; 50 a 59; ≥ 60 anos), estado conjugal (com/ sem companheiro), cor da pele (branca; não branca), religião (sim; não), filhos (sim; não), número total de residentes no domicílio, incluindo o participante (≤ 2 residentes; ≥ 3 residentes), provedor financeiro da família (principal provedor; outros) e renda (2 a 4 salários mínimos; 5 a 7 salários mínimos; > 8 salários mínimos).

Das características laborais envolveram as variáveis: área de atuação profissional na IES (Ciências da Saúde; Ciências Biológicas; Ciências Humanas; Ciências Sociais Aplicadas; Engenharias; Ciências Agrárias; Ciências Exatas e da Terra; Linguística, Letras e Artes; Multidisciplinar), maior qualificação profissional (graduação; especialização; mestrado; doutorado; pós-doutorado), tempo de docência no ensino superior (1 a 3; 4 a 6; 7 a 9; 10 a 12; > 12 anos), mais de um vínculo profissional (sim; não) e natureza do vínculo na IES (efetivo; contrato temporário; contrato indeterminado; outro).

As variáveis sobre o estilo de vida, saúde e da COVID-19 foram Índice de Massa Corporal (IMC) (eutrófico; abaixo do peso; sobrepeso ou obesidade), tabagismo (sim; não), exercício físico (150 a

300min; não realiza ou <150min; >300min), uso contínuo de medicamento (sim, prescrito por profissional; sim, automedicação; não), internação no último ano (sim; não) plano de saúde (sim; não), problema de saúde diagnosticado (sim; não), transtorno psiquiátrico diagnosticado em alguém da família (sim; não), sintomas de estresse atual (sim; não), pegou COVID-19 (sim; não), medo de pegar COVID-19 (sim; não), uso do "kit COVID-19" como prevenção (sim; não), tomou a vacina contra COVID-19 (sim; não), transtorno psiquiátrico diagnosticado antes da pandemia COVID-19 (sim; não) e transtorno psiquiátrico diagnosticado antes da pandemia COVID-19 (sim; não).

A saúde mental também foi avaliada por meio da Escala Transversal de Sintomas de Nível 1 Autoaplicável do DSM-5, traduzida para o português do Brasil e disponibilizada no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, 5ª edição (APA, 2014). A versão adulta é composta por 23 itens, divididos em 13 domínios: depressão; raiva; mania; ansiedade; sintomas somáticos; ideação suicida; psicose; distúrbio do sono; memória; pensamentos e comportamentos repetitivos; dissociação; funcionamento da personalidade; e uso de substância (APA, 2014).

Cada item avalia o quanto e/ou com que frequência o indivíduo tem sido incomodado por determinado sintoma nas últimas duas semanas que antecedem a data do preenchimento do instrumento, sendo sua resposta disposta em uma escala tipo Likert de 5 pontos, variando de 0 (nada ou de modo algum) a 4 (grave ou quase todos os dias) (APA, 2014). Cada domínio possui seu próprio limiar, com escores que variam de leve a grave. Neste estudo, todos os itens foram recodificados como escores negativos (nenhum ou sintomas muito leves = não apresenta o sintoma) ou positivos (leve, moderado ou grave = sim, apresenta o sintoma) (TERÇAS-TRETTEL et al., 2022). Desse modo, limiares mais altos são indicativos de sofrimento mental e sugerem a presença de risco de transtornos mentais, o que requer uma investigação mais aprofundada (APA, 2014).

A análise descritiva das variáveis investigadas foi realizada e está apresentada em tabelas, por meio dos softwares *Microsoft Excel*® versão 2013 e *Statistical Package for Social Sciences (SPSS)*®, versão 24.0. Foram calculadas as frequências absolutas, relativas e considerado um intervalo de confiança de 95% (IC 95%).

O presente estudo faz parte de um projeto matricial intitulado "Ensino, práticas e tecnologias inovadoras na saúde e educação" e foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT) sob Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE) número 28214720.9.0000.5166. Todos os voluntários assinaram o TCLE.

RESULTADOS

Participaram do estudo 607 professores de IES públicas do Estado de Mato Grosso, sendo 316 vinculados a IES federais e 291 a uma instituição estadual. A maioria era do sexo feminino (56,18%), adultos (30 e 49 anos) (70,01%), viviam com companheiro (64,42%), cor de pele branca (62,44%), professavam uma religião (77,92%), possuíam filhos (61,94%), residiam com até duas pessoas (66,89%) e o principal provedor financeiro da família (93,41%) possuía rendimento mensal de ≥ 8 salários mínimos, conforme disponíveis na Tabela 1.

Tabela 01: Características demográficas e socioeconômicas de professores universitários de instituições públicas mato-grossenses, Cuiabá, Mato Grosso, 2022. n=607

Variável	Categorias	n	%	IC 95%
Sexo	Feminino	341	56,18	(52,13; 60,17)
	Masculino	266	43,82	(39,83; 47,87)*
Idade	18 a 29 anos	38	6,26	(4,47; 8,49)
	30 a 39 anos	218	35,91	(32,09; 39,87)*
	40 a 49 anos	207	34,10	(30,33; 38,03)*
	50 a 59 anos	106	17,46	(14,52; 20,72)
	≥ 60 anos	38	6,26	(4,47; 8,49)
Estado conjugal	Com companheiro	391	64,42	(60,46; 68,23)*
	Sem companheiro	216	35,58	(31,77; 39,54)

Cor da pele	Branca	379	62,44	(58,45; 66,30)*
	Não branca	228	37,56	(33,69; 41,55)
Religião	Sim	473	77,92	(74,41; 81,16)*
	Não	134	22,08	(18,84; 25,59)
Filhos	Sim	376	61,94	(57,95; 65,82)*
	Não	231	38,06	(34,18; 42,05)
Nº de residentes no domicílio	≤2	406	66,89	(62,99; 70,62)*
	≥3	201	33,11	(29,38; 37,02)
Provedor financeiro da família	Principal provedor	567	93,41	(91,13; 95,25)*
	Outros (companheiro/pais)	40	6,59	(4,75; 8,87)
Renda	2 a 4 salários mínimos	34	5,60	(3,91; 7,74)
	5 a 7 salários mínimos	156	25,70	(22,27; 29,37)*
	≥8 salários mínimos	417	68,70	(64,84; 72,37)*

Os dados referentes as características laborais e de estilo de vida estão apresentados na Tabela 2. A maioria dos professores atuavam na área de Ciências da Saúde (26,69%), possuíam título de doutor (50,58%), com experiência >12 anos na docência universitária (39,21%) e apenas um vínculo profissional (83,03%), sendo este efetivo (72,98%). Quanto ao estilo de vida, metade apresentava sobrepeso ou obesidade (56,51%), eram sedentários (54,86%) e não tabagistas (84,02%).

Tabela 2: Características laborais, de estilo de vida e saúde de professores universitários de instituições públicas mato-grossenses, Cuiabá, Mato Grosso, 2022. n=607

Variável	Categorias	n	%	IC95%
Área de atuação profissional na IES	Ciências da Saúde	162	26,69	(23,21; 30,40)*
	Ciências Sociais Aplicadas	105	17,30	(14,37; 20,55)
	Ciências Humanas	98	16,14	(13,31; 19,32)
	Ciências Exatas e da Terra	76	12,52	(10,00; 15,42)
	Ciências Agrárias	73	12,03	(9,55; 14,88)
	Ciências Biológicas	41	6,75	(4,89; 19,32)
	Linguística, Letras e Artes	24	3,95	(2,55; 5,83)
	Engenharias	20	3,29	(2,02; 5,04)
	Multidisciplinar	8	1,32	(0,57; 2,58)
Maior qualificação profissional	Graduação	7	1,15	(0,46; 2,36)
	Especialização	37	6,10	(4,33; 8,30)
	Mestrado	182	29,98	(26,36; 33,80)*
	Doutorado	307	50,58	(46,52; 54,62)*
	Pós-doutorado	74	12,19	(9,70; 15,06)
Tempo de docência do ensino superior	1 a 3 anos	98	16,14	(13,31; 19,32)
	4 a 6 anos	86	14,17	(11,49; 17,20)
	7 a 9 anos	88	14,50	(11,79; 17,55)
	10 a 12 anos	97	15,98	(13,15; 19,14)
	>12 anos	238	39,21	(35,30; 43,22)*
Mais de um vínculo profissional	Sim	103	16,97	(14,07; 20,20)
	Não	504	83,03	(79,80; 85,93)*
Natureza do vínculo na IES	Efetivo	443	72,98	(69,26; 76,48)*
	Contrato temporário	132	21,75	(18,53; 25,24)
	Contrato indeterminado	13	2,14	(1,14; 3,63)
	Outro	19	3,13	(1,89; 4,84)

IMC	Eutrófico (18,5 – 24,9)	252	41,52	(37,56; 45,51)
	Abaixo do peso (<18,5)	12	1,98	(1,03; 3,43)
	Sobrepeso ou obesidade (>25,0)	343	56,51	(52,46; 60,49)*
Exercício físico	150 a 300min	193	31,80	(28,11; 35,66)
	Não realiza ou <150min	333	54,86	(50,80; 58,87)*
	>300min	81	13,34	(10,74; 16,31)
Tabagismo	Sim	97	15,98	(13,15; 19,14)
	Não	510	84,02	(80,86; 86,84)*

Nota: Fonte: Elaboração própria

n: Tamanho da amostra; IC: Intervalo de confiança de 95%; *: Estatisticamente significativo com uma confiança de 95%.

Das características relacionadas a saúde, 51,90% dos professores universitários faziam uso contínuo de medicamento, a maior parte possuía plano de saúde (76,77%) e não foram hospitalizados no último ano (89,33%). Nota-se que embora a maioria dos professores não tinham um diagnóstico de problema de saúde (51,73%), uma parcela apresentou sintomas de estresse (64,09%) e uma minoria foi classificada com diagnóstico de transtorno psiquiátrico após a pandemia da COVID-19 (16,47%).

Destaca-se que 48,27% dos participantes relataram ter recebido um diagnóstico médico de algum problema de saúde. Especificamente em relação ao diagnóstico de transtornos psiquiátricos, 35,91% do total de participantes deste estudo relatou ter recebido o diagnóstico antes ou após a pandemia de COVID-19. Logo, identifica-se nos participantes prevalência de adoecimento mental em detrimento a outros tipos de adoecimento. Além disso, 39,37% relataram a presença de pessoas na família com diagnóstico de transtorno psiquiátrico.

Em relação aos aspectos da COVID-19, 36,57% relataram ter tiveram a doença, 19,77% usaram o “kit COVID-19” como medida preventiva ao SARS-Cov-2 e 44,48% estavam com medo de contrair a infecção, embora já tivessem tomado a vacina da COVID-19 (99,18%), conforme pode ser observado na Tabela 3.

Tabela 3: Características de saúde e relacionadas a COVID-19 de professores universitários de instituições públicas mato-grossenses, Cuiabá, Mato Grosso, 2022. n=607

Variável	Categorias	n	%	IC95%
Uso contínuo de medicamento	Sim, prescrito por profissional	284	46,79	(42,76; 50,85)
	Sim, automedicação	31	5,11	(3,50; 7,17)
	Não	292	48,11	(44,07; 52,16)*
Internação no último ano	Sim	64	10,67	(8,31; 13,42)
	Não	536	89,33	(86,58; 91,69)*
Plano de saúde	Não	141	23,23	(19,92; 26,80)
	Sim	466	76,77	(73,20; 80,08)*
Sintomas de estresse	Sim	389	64,09	(60,13; 67,91)*
	Não	218	35,91	(32,09; 39,87)
Problema de saúde diagnosticado	Sim	293	48,27	(44,23; 52,33)
	Não	314	51,73	(47,67; 55,77)
Transtorno psiquiátrico diagnosticado antes da pandemia COVID-19	Sim	118	19,44	(16,36; 22,82)
	Não	489	80,56	(77,18; 83,64)*
Transtorno psiquiátrico diagnosticado após da pandemia COVID-19	Sim	100	16,47	(13,61; 19,67)

	Não	507	83,53	(80,33; 86,39)*
Transtorno psiquiátrico diagnosticado em alguém da família	Sim	239	39,37	(35,47; 43,39)
	Não	368	60,63	(56,61; 54,54)*
Pegou COVID-19	Sim	222	36,57	(32,73; 40,54)
	Não	385	63,43	(59,45; 67,27)*
Medo de pegar COVID-19	Sim	270	44,48	(40,48; 48,54)
	Não	337	55,52	(51,46; 59,52)*
Uso do "kit COVID-19" como prevenção	Sim	120	19,77	(16,67; 23,16)
	Não	487	80,23	(76,84; 83,33)*
Tomou a vacina contra COVID-19	Não	5	0,82	(0,27; 1,91)
	Sim	602	99,18	(98,09; 99,73)*

Nota: Fonte: Elaboração própria

n: Tamanho da amostra; IC95%: Intervalo de confiança de 95%; *: Estatisticamente significativo com uma confiança de 95%.

Os problemas de saúde mental dos professores foram avaliados por meio da Escala Transversal de Sintomas do DSM-5. Os domínios foram analisados e categorizados como sim (apresenta o sintoma) e não (sem o sintoma) (Tabela 4). Identificou-se que a maioria dos participantes apresentavam sintomas de transtornos mentais, sendo que as maiores prevalências foram a ansiedade (83,20%), mania (70,84%), depressão (61,45%), sintomas somáticos (61,12%), raiva (57,66%), uso de substância (54,53%) e distúrbio do sono (50,58%), conforme os dados apresentados na Tabela 4.

Tabela 4: Perfil de saúde mental dos professores universitários de instituições públicas mato-grossenses, Cuiabá, Mato Grosso, 2022. n=607

Variável	Categorias	n	%	IC95%
Ansiedade	Sim	505	83,20	(79,98; 86,09)*
	Não	102	16,80	(13,91; 20,02)
Mania	Sim	430	70,84	(67,05; 74,43)*
	Não	177	29,16	(25,57; 32,95)
Depressão	Sim	373	61,45	(57,45; 65,34)*
	Não	234	38,55	(34,66; 42,55)
Sintomas somáticos	Sim	371	61,12	(57,11; 65,02)*
	Não	236	38,88	(34,98; 42,89)
Raiva	Sim	350	57,66	(53,62; 61,63)*
	Não	257	42,34	(38,37; 46,38)
Uso de substância	Sim	331	54,53	(50,47; 58,54)*
	Não	276	45,47	(41,46; 49,53)
Distúrbio do sono	Sim	307	50,58	(46,52; 54,62)
	Não	300	49,42	(45,37; 53,48)
Funcionamento da personalidade	Sim	283	46,62	(42,60; 50,68)
	Não	324	53,38	(49,32; 57,40)
Memória	Sim	262	43,16	(39,18; 47,21)
	Não	345	56,84	(52,79; 60,82)*

Pensamentos e comportamentos repetitivos	Sim	206	33,94	(30,17; 37,86)
	Não	401	66,06	(62,14; 69,83)*
Dissociação	Sim	193	31,80	(28,10; 35,67)
	Não	414	68,20	(64,34; 71,90)*
Ideação suicida	Sim	102	16,80	(13,91; 20,02)
	Não	505	83,20	(79,98; 86,09)*
Psicose	Sim	63	10,38	(8,07; 13,08)
	Não	544	89,62	(86,92; 91,93)*

Nota: Fonte: Elaboração própria

n: Tamanho da amostra; IC: Intervalo de confiança de 95%; *: Estatisticamente significativo com uma confiança de 95%.

DISCUSSÃO

Os principais achados deste estudo apontam para o impacto da pandemia da COVID-19 na saúde mental dos professores universitários das instituições de ensino públicas do Estado de Mato Grosso, com mais de 60% dos participantes relatando sintomas de impacto negativo sobre sua saúde mental de acordo com a escala do DSM-5. Com relação as características sociodemográficas, destaca-se adultos do sexo feminino, brancos, com filhos, com companheiro e sendo a principal fonte de renda familiar, com ≥ 8 salários mínimos mensais.

Estes achados corroboram com os dados de outras pesquisas brasileiras (PINHO et al., 2021; FU et al., 2022), com similaridade no perfil docente, destacando a maior participação feminina nos estudos universitários que abordam a saúde mental, fato que pode estar relacionado a crescente inserção da mulher em espaços universitários e de pesquisa, embora ainda se verifica desigualdades de gênero nas relações de trabalho (SOUZA; BARBOSA; RODRIGUES; FELIX; GOMES; SANTOS, 2021), maior atenção dada pelas mulheres no cuidado a saúde (ZAMARRO; PRADOS, 2021) e elevado risco para problemas de saúde mental verificados nesse grupo (FU et al., 2022).

Pesquisas têm apontam que as mulheres apresentaram sofrimentos psicoemocionais mais elevados quando comparadas aos homens (LIU et al., 2020; FU et al., 2022). Além disso, evidenciaram que a pandemia da COVID-19 afetou desproporcionalmente as mulheres, o que pode ter agudizado transtornos mentais preexistentes ou tem causado novos sintomas em indivíduos sem histórico de sofrimento mental anterior (FARO et al., 2020; SANTOS et al., 2021; SANTOS; SILVA; BELMONTE, 2021; TAUSCH et al., 2022).

O estudo de García-Fernández et al. (2021), realizado no primeiro ano da pandemia da COVID-19, verificou que os homens tiveram menos sintomas de ansiedade, depressão e estresse quando comparados às mulheres. Por outro lado, as mulheres apresentaram sintomas mais graves, influenciados pela solidão e a violência. Além disso, o estudo multicêntrico de Fu et al. (2022), realizado no segundo ano da pandemia da COVID-19, mostrou que 40% dos professores chineses apresentavam sintomas de ansiedade após um ano de pandemia da COVID-19, sendo maioria mulheres.

Estudo verificou que as mulheres sofreram uma sobrecarga doméstica alta em comparação com os homens durante o período da pandemia da COVID-19, sendo 42,3% e 17,4%, respectivamente (PINHO et al., 2021). Tal situação pode estar relacionada à diferença na distribuição de tarefas domésticas existente entre os sexos, bem como ao cuidado com a família e dependentes, atribuído majoritariamente às mulheres, o que foi intensificado durante o trabalho remoto (REZER; FAUSTINO, 2022; BERNARDO; MAIA; BRIDI, 2020).

De acordo com o Censo da Educação Superior (INEP, 2020), em 2018, foi identificado uma prevalência de adultos (30 a 39 anos), entre os docentes brasileiros, dados que corroboram aos achados desta pesquisa. Nesse sentido, esse grupo populacional com esta faixa etária possui mais facilidade para se adaptar às mudanças pedagógicas tecnodigitais em comparação com faixas etárias mais avançadas, devido ao fato de terem nascido em uma era altamente tecnológica e, muitas vezes,

possuírem mais experiência e familiaridade digital. Portanto, apresentam maior facilidade de adaptação ao ensino remoto (KITA; YASUDA; GHERGHEL, 2022), como também já observado anteriormente à pandemia da COVID-19 (MACHADO; LEITE; MONTEIRO, 2019; SANTOS, 2020).

Nesse contexto, o estudo de Santos et al. (2022), conduzido com docentes universitários brasileiros, constatou que as principais dificuldades enfrentadas no ensino remoto estavam relacionadas à falta de capacitação por parte das instituições, problemas com recursos e ferramentas digitais, desafios burocráticos e administrativos, inclusive nas relações socioprofissionais. Ademais, os professores que tinham problemas psicológicos ou que os desenvolveram durante a pandemia da COVID-19, apresentaram quase cinco vezes mais dificuldade na adaptação ao ensino remoto.

Quanto ao estado conjugal, estudo de Fu et al. (2022) verificou que professores universitários casados apresentaram maior risco de ansiedade em comparação aos professores solteiros. Em contrapartida, um estudo brasileiro conduzido por Freitas et al. (2021) encontrou uma associação positiva entre ansiedade e estado conjugal sem companheiro fixo, corroborando com os resultados do estudo realizado por Donato et al. (2021) com docentes do ensino superior público de São Paulo, Brasil, um ano antes da pandemia de COVID-19, que identificou ser solteiro como um fator preditor para TMC. Nesse contexto, o estudo de Faro et al. (2020) destaca a urgência do cuidado em saúde mental e enfatiza a importância de relacionamentos saudáveis e redes de apoio social, especialmente em momentos de crise. Além disso, tem-se observado que a situação econômica durante a pandemia da COVID-19 teve impacto significativo na saúde mental (SANTOS; SILVA; BELMONTE, 2021; FU et al., 2022; ESTEBAN et al., 2022).

Quanto às características laborais, participaram deste estudo professores universitários altamente qualificados em termos de titulação e tempo de experiência no ensino, sendo a maioria da área de Ciências da Saúde. Uma revisão sistemática e meta-análise realizada por Ma et al. (2022) no contexto da pandemia mostrou que os principais transtornos mentais identificados entre os docentes durante a pandemia da COVID-19 estavam associados a fatores como sexo feminino, idade >50 anos, medo da COVID-19, uso de máscara, menor satisfação no trabalho, pouca experiência profissional, ausência de estabilidade, baixa motivação, pouca experiência com ensino remoto e sobrecarga de trabalho.

E considerando também que grande parte desses docentes da área de Ciências da Saúde, podem acompanhar alunos em ambientes clínicos e hospitalares, e vivenciarem os múltiplos sofrimentos da população, o estresse ocupacional ligado ao histórico destes profissionais pode estar impregnado (AYDOGDU, 2024) e ampliar-se com as fontes estressoras da rotina universitária (relações de trabalho desiguais, sobrecargas, isolamento e assédio/violências), e em consequência, adoecer (NASCIMENTO; DAIBEM, 2020).

A pouca experiência profissional tem sido frequentemente associada a transtornos mentais nos ambientes colaborativos devido ao baixo controle laboral verificado em professores mais jovens (MA et al., 2022; FU et al., 2022; COHEN-FRAADE; DONAHUE, 2022). Além disso, professores com mais experiência profissional conseguem desenvolver o seu trabalho de forma mais independente, o que estudos tem apontado como algo positivo durante a pandemia da COVID-19, momento que precisaram lidar com várias mudanças na vida pessoal e profissional (LIZANA et al., 2021; COHEN-FRAADE; DONAHUE, 2022).

Em nossa amostra de docentes mato-grossenses, observou-se um estilo de vida semelhante ao perfil identificado em outros estudos, tanto antes (SANCHEZ et al., 2019; DONATO et al., 2021) quanto após o início da pandemia da COVID-19 (MA et al., 2022). É importante ressaltar que o sedentarismo ou a prática insuficiente de atividade física estão relacionados a uma menor qualidade de vida e qualidade de vida no trabalho. Além disso, eles afetam a qualidade do sono, o uso de medicação, a alimentação equilibrada e o tempo de lazer. Em contrapartida, a regularidade da prática de atividade física diminui níveis de ansiedade, estresse e depressão pelo aumento da produção e liberação de endorfinas pelo sistema nervoso central (SANCHEZ et al., 2019).

Durante a pandemia da COVID-19, essa situação se agravou ainda mais, uma vez que, devido ao isolamento social e à adoção do trabalho remoto, muitos docentes não conseguiram manter um estilo de vida saudável. Isso resultou em um aumento do tempo passado sentado e do uso de telas, ao

mesmo tempo em que houve uma redução na prática de atividade física (DELFINO et al., 2020; ALENCAR et al., 2022), o que também foi observado na população em geral (FERREIRA et al., 2021). Além disso, o apoio social do cônjuge tem sido como um fator positivo para uma maior adesão à atividade física na população em geral (FERREIRA; DOMINGUES, 2021). No entanto, parece haver uma particularidade no público docente, uma vez que alguns estudos têm verificado que professores com companheiros são menos ativos (ALENCAR et al., 2022; MA et al., 2022).

Nos docentes de Mato Grosso, também houve um elevado índice de uso de medicamentos contínuos (51,90%) e problemas de saúde (48,27%), a maioria estava relacionada a transtornos psiquiátricos com diagnóstico anterior ou posterior ao início da pandemia da COVID-19 (35,91%), além de sintomas de estresse (64,09%). No mais, tais achados podem ser ainda mais elevados, considerando que os casos de transtornos mentais no Brasil ainda são subdiagnosticados e subnotificação (GAZZONI et al., 2023). No contexto universitário, antes mesmo do surgimento da pandemia da COVID-19, já se observava uma mudança no perfil epidemiológico, com um aumento na prevalência de sofrimento e transtornos mentais entre os professores, em detrimento das lesões por esforços repetitivos, distúrbios osteomusculares, relações interpessoais com equipe e alunos ambos relacionados ao trabalho, que predominaram por muitos anos (LUZ et al., 2019).

Somada a essa situação, tem-se a pandemia da COVID-19 que por si só já é um agente estressor, e que transformou os cenários de ensino e aprendizagem de forma abrupta, gerando piores condições de trabalho (MA et al., 2022). Um estudo de revisão de literatura mostrou que os principais estressores na população durante períodos de isolamento social estão relacionados ao medo, frustração, tédio, suprimentos básicos inadequados e informações insuficientes e confusas. Já os estressores pós esse período, estiveram relacionados a situação financeira e estigmatizações (BROOKS et al., 2020). Tais fatores também foram constatados dentre o público docente (MA et al., 2022), inclusive nos participantes deste estudo, que manifestaram medo de contrair a infecção mesmo após a vacinação.

A saúde mental tem sido definida como um estado de bem-estar no qual o indivíduo consegue enfrentar os estresses diários, trabalhar produtivamente e contribuir com a sociedade. Por outro lado, um transtorno mental é compreendido como um conjunto de sintomas ou comportamentos clinicamente identificáveis que, por vezes, estão associados a sofrimentos e interferências nas funções pessoais, podendo ou não estar relacionados a conflitos sociais (WHO, 2001). Na literatura, nota-se que os sintomas de transtornos mentais mais investigados e identificados entre os docentes universitários estão relacionados a ansiedade, depressão e estresse, com um número crescente durante a pandemia da COVID-19 (FREITAS et al., 2021; MA et al., 2022).

Neste estudo, outro resultado importante sobre o perfil de saúde mental dos professores universitários refere-se à presença significativa de diversos outros sintomas psicoemocionais, como ansiedade, mania, depressão, sintomas somáticos, raiva, uso de substâncias e distúrbios do sono, em mais da metade da amostra. Os tipos de transtornos mentais que se apresentaram elevados foram semelhantes a outros estudos (LI et al., 2020; MA et al., 2022). No entanto, nesta pesquisa, a frequência de depressão, ansiedade e estresse foi maior em comparação com estudo nacional desenvolvido com docentes de IES privadas, que variou de 37% a 50% (FREITAS et al., 2021) e internacionais, que variou de 13% a 50% (EVANOFF et al. 2020; SANTAMARÍA et al., 2021; FU et al., 2022).

É importante considerar que os estudos que foram desenvolvidos no início do distanciamento social apresentaram achados inferiores quando comparados com as pesquisas desenvolvidas após um ou dois anos do início da pandemia da COVID-19, reforçando a ideia de que tal acontecimento pode levar a uma ascensão dos transtornos mentais, tanto a curto como a longo prazo (LI et al., 2020; FU et al., 2022; MA et al., 2022). Ademais, o contexto universitário já vinha sendo motivo de investigação devido ser um ambiente de alta tensão e estresse, principalmente pelo desempenho predominantemente quantitativo e baseado no cumprimento de metas verificado dentro das universidades, assim como a instabilidade nas relações humanas e as novas exigências laborais, muitas vezes sem o suporte necessário (OLIVEIRA; SANTOS, 2021; PINHO et al., 2021).

O estresse no trabalho é uma questão global e um dos principais transtornos mentais com prevalência elevada entre os docentes. É definido como um estado de desequilíbrio tanto da relação

indivíduo-ambiente de trabalho quanto da relação demanda-recursos, podendo ser evitado ou atenuado por características individuais e situacionais (SILVA; OLIVEIRA, 2020; SANTOS; SILVA; BELMONTE, 2021).

Este sintoma tem sido relacionado a falta de recursos e reconhecimento, ambiguidade de papéis, alta exigência laboral, controle institucional excessivo, insegurança e tempo insuficiente para responder as demandas do trabalho. É considerado um risco ocupacional significativo da profissão docente que requer atenção especial do setor de segurança e saúde do trabalhador das instituições de ensino superior (CAMPOS; VÉRAS; ARAÚJO, 2020; NASCIMENTO; DAIBEM, 2020; TEIXEIRA; MARQUEZE; MORENO, 2020; VASCONCELOS; LIMA, 2021). Ademais, possui uma forte relação com outros tipos de transtornos mentais e consumo de risco ou provável dependência de álcool (PEREIRA et al., 2022).

Revisão sistemática realizada por Silva et al. (2021), envolvendo estudos primários, observacionais, publicados entre 2020 e 2021, mostrou prevalências ente 10% a 49,4% de ansiedade, 15,9% a 28,9% de depressão e 12,6% a 12,7% de estresse entre professores durante a pandemia da COVID-19. Já outra revisão sistemática e meta-análise com artigos publicados de dezembro de 2019 e julho de 2021 identificou elevada prevalência de estresse (62,6%), depressão (59,9%) e ansiedade (36,3%) entre docentes durante a pandemia da COVID-19 (MA et al., 2022).

Estudo realizado por Evanoff et al. (2020) em abril de 2020 com professores universitários em uma universidade estadunidense, identificou níveis moderado e alto de estresse e ansiedade em 13% dos participantes. A depressão foi relatada por 15,9% e alta exaustão no trabalho por 43%. Já Santamaría et al. (2021), em pesquisa conduzida em setembro de 2020 em uma comunidade espanhola, observou que 50,4% dos professores apresentam estresse moderado, 49,3% ansiedade e 32,2% depressão. É importante ressaltar que a ansiedade e a depressão possuem repercussões significativas na qualidade de vida, desempenho e satisfação pessoal e profissional do docente (SANCHEZ et al., 2019), além de contribuir para elevadas taxas de absentismo (VIEIRA et al., 2023).

Outro resultado que chama a atenção é o distúrbio do sono, que, embora ainda seja pouco explorado, possui impacto no funcionamento pleno do corpo, tanto físico como psíquico, uma vez que o repouso é fundamental para o descanso e restabelecimento do funcionamento de todos os órgãos (FREITAS et al., 2020; PINHO et al., 2021).

Diante do exposto, salienta-se a necessidade de um maior investimento na proteção e atenção à saúde mental dos professores universitários, visto que é uma profissão com elevada sobrecarga física, intelectual, sentimental e emocional, inserida em um contexto de alta tensão e com muitas mudanças e/ou adaptações relacionadas as atividades didáticos-pedagógicas que são influenciadas pelo momento histórico e social. No mais, destaca-se que é preciso investir no fortalecimento das evidências científicas que contribuem para a adoção de estratégias mais oportunas e assertivas (WHO, 2022).

Como limitação deste estudo, pode-se destacar o delineamento da pesquisa, que não permite estabelecer uma relação de causa e efeito, bem como a coleta de dados conduzida virtualmente, o que impossibilitou um aprofundamento e esclarecimentos do objeto investigado. No entanto, esta pesquisa aborda um assunto por vezes negligenciado no ambiente universitário, especialmente no contexto da pandemia da COVID-19, e apresenta dados descritivos abrangentes relacionados ao perfil sociodemográfico, laboral, estilo de vida, saúde e saúde mental dos professores universitários de Mato Grosso durante a pandemia da COVID-19, os quais não foram encontrados até o momento em estudos anteriores. Além disso, este estudo foi realizado dois anos após a pandemia da COVID-19, durante o retorno das aulas presenciais, e pode servir como uma importante base comparativa para o acompanhamento e o desenvolvimento de desenhos metodológicos mais robustos.

CONCLUSÃO

Esta pesquisa constatou um perfil preocupante de saúde mental entre os professores universitários das instituições de ensino públicas do Estado de Mato Grosso. Mais da metade da amostra apresentou sintomas de ansiedade, mania, estresse, depressão, sintomas somáticos, raiva, uso de substâncias e

distúrbios do sono. Além disso, é importante destacar que a saúde mental não está dissociada do aspecto físico e social, pois está relacionada com outros fatores determinantes para a saúde, como o trabalho.

Os achados evidenciados representam um sinal de alerta para os gestores universitários e endossam a necessidade do desenvolvimento de estratégias que possam auxiliar tanto diretamente quanto indiretamente na promoção da saúde mental, na prevenção de sintomas psicossomáticos e na redução do sofrimento mental que está sendo observado no ambiente universitário. É relevante que sejam realizados mais estudos, inclusive explorando os fatores associados ao sofrimento mental e à relação entre saúde mental e trabalho universitário, com o objetivo de contribuir para uma maior qualidade de vida e desempenho docente.

REFERÊNCIAS

AYDOGDU, A. L. F. Occupational stress among nurses across diverse healthcare services: a cross-sectional study. **Journal Health NPEPS**, v. 9, n. 1, e12238, 2024.

ALENCAR, G. et al. Factores asociados con el nivel de actividad física y el comportamiento sedentario de profesores en tiempos de pandemia de COVID-19. **Retos**, v. 46, p. 511–519, 2022. Doi: 10.47197/retos.v46.93968

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION (APA). **DSM-5**: manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

BENFICA, T. A. H. História do ensino superior em Mato Grosso: das iniciativas frustradas à criação de um sistema universitário. **Revista Brasileira de História da Educação**, v. 19, p. e052, 2019. Doi: 10.4025/RBHE.V19.2019.E052

BERNARDO, K. A. S.; MAIA, F. L.; BRIDI, M. A. As configurações do trabalho remoto da categoria docente no contexto da pandemia Covid-19. **Novos Rumos Sociológicos**, v. 8, n. 14, p. 8-39, 2020.

BROOKS, S. K.; WEBSTER, R. K.; SMITH, L. E. The psychological impact of quarantine and how to reduce it: rapid review of the evidence. **The Lancet**, v. 395, n. 10227, p. 912-920, 2020. Doi: 10.1016/S0140-6736(20)30460-8

CAMPOS, T. C.; VÉRAS, R. M.; ARAÚJO, T. M. Common mental disorders in higher education teachers: evidence from sociodemographic and work aspects. **Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior**, v. 25, n. 3, p. 745–768, 2020. Doi: 10.1590/s1414-40772020000300012

COELHO, E. A. et al. Saúde mental docente e intervenções da Psicologia durante a pandemia. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade de Santa Cruz do Sul**, v. 5, n. 2, p. 20-32, 2021. Doi: 10.17058/psiunisc.v5i2.16458

COHEN-FRAADE, S.; DONAHUE, M. The impact of COVID-19 on teachers' mental health. **Journal for Multicultural Education**, v. 16, p. 18-29, 2022. Doi: 10.1108/JME-08-2021-0131

DELFINO, L. D. et al. Association of sedentary behavior patterns with dietary and lifestyle habits among public school teachers: a cross-sectional study. **British Medical Journal Open**, v. 10, p. e034322, 2020. Doi: 10.1136/bmjopen-2019-034322

DONATO, G. D. et al. Predictors of common mental disorders and psychiatric medication use among faculty members. **Perspectives in Psychiatric Care**, p. 1-9, 2021. Doi: 10.1111/ppc.12993

ESPINOSA, M. M. et al. Uma medida empírica para reduzir o vício no planejamento de amostragem aleatória simples e estratificada causado pela ausência de resposta. **Sigmae**, v. 8, n. 2, p. 722-727, 2019.

ESTEBAN, R. F. C. Et al. Psychological distress and workload as predictors of satisfaction with life in Peruvian female university professors with a family burden. **Heliyon**, v. 8, n. 1, p. e08711, 2022. Doi: 10.1016/j.heliyon.2021.e08711

EVANOFF, B. A. et al. Work-Related and Personal Factors Associated With Mental Well-Being During the COVID-19 Response: Survey of Health Care and Other Workers. **Journal of Medical Internet Research**, v. 22, n. 8, p. e21366, 2020. Doi: 10.1101/2020.06.09.20126722v1

FARO, A. et al. COVID-19 e saúde mental: a emergência do cuidado. **Estudos de Psicologia**, v. 37, p. e200074, 2020. Doi: 10.1590/1982-0275202037e200074

FERREIRA, J. S. et al. Comportamento sedentário de adultos e idosos durante a pandemia de COVID-19. **Journal of Health and Biological Sciences**, v. 9, n. 1, p. 1-5, 2021. Doi: 10.12662/2317-3076jhbs.v9i1.3816.p1-5.2021

FERREIRA, R. W.; DOMINGUES, M. R. Can your partner influence your physical activity? The role of social support provided by partners. **Revista Brasileira de Atividade Física e Saúde**, v. 26, p. e0195, 2021. Doi: 10.12820/rbafs.26e0195

FREITAS, A. M. C. et al. Psychosocial aspects at work and the quality of sleep of professors in higher education. **Archives of Environmental & Occupational Health**, v. 75, n. 5, p. 297-306, 2020. Doi: 10.1080/19338244.2019.1657378

FREITAS, R. F. et al. Prevalência e fatores associados aos sintomas de depressão, ansiedade e estresse em professores universitários durante a pandemia da Covid-19. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, v. 70, n. 4, p. 283-92, 2021. Doi: 10.1590/00472085000000348

FU, W. et al. Prevalence and Related Factors of Anxiety Among University Teachers 1 Year After the COVID-19 Pandemic Outbreak in China: A Multicenter Study. **Frontiers in Psychiatry**, v. 13, p. e823480, 2022. Doi: 10.3389/fpsy.2022.823480

GARCIA, L. P. Uso de máscara facial para limitar a transmissão da COVID-19. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, v. 29, n. 2, p. e2020023, 2020. Doi: 10.5123/S1679-49742020000200021

GARCÍA-FERNÁNDEZ, L. et al. Gender difference in emotional response to the COVID-19 outbreak in Spain. **Brain and Behavior**, v. 11, p. e01934, 2021.

GAZZONI, M. V. et al. Acidentes de trabalho por transtornos mentais no Brasil. **Revista Científica Multidisciplinar**, v. 4, n. 4, p. e442919-e442919, 2023.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA (INEP). **Sinopse Estatística da Educação Superior 2019**. Brasília: Inep, 2020.

KITA, Y.; YASUDA, S.; GHERGHEL, C. Educação online e saúde mental do corpo docente durante a pandemia de COVID-19 no Japão. **Scientific Reports**, v. 12, n. 1, p. 8990, 2022.

LI, Q. et al. Prevalence and factors for anxiety during the coronavirus disease 2019 (COVID-19) epidemic among the teachers in China. **Journal of Affective Disorders**, v. 277, p. 153-158, 2020. Doi: 10.1016/j.jad.2020.08.017

LIU, N. F. et al. Prevalence and predictors of PTSS during COVID-19 outbreak in China hardest-hit areas: gender differences matter. **Psychiatry Research**, v. 287, 2020. Doi: 10.1016/j.psychres.2020.112921

LIZANA, P. A. et al. Impact of the COVID-19 pandemic on teacher quality of life: a longitudinal study from before and during the health crisis. **International Journal of Environmental Research and Public Health**, v. 18, p. 3764, 2021. Doi: 10.3390/ijerph18073764

MA, K. et al. COVID-19 pandemic-related anxiety, stress and depression among teachers: a systematic review and meta-analysis. **Work**, v. 69, n. 4, p. 1153-1161, 2022. Doi: 10.3233/WOR-205276

MACHADO, A.; LEITE, C. M. F. A.; MONTEIRO, A. M. R. As tecnologias digitais na literatura acadêmica da educação de adultos. **LaPlage em Revista**, v. 5, n. 2, p. 86-102, 2019.

MEISTER, G. S. et al. Qualidade de vida de estudantes universitários durante a pandemia da COVID-19 em Santa Catarina. **Journal Health NPEPS**, v. 8, n. 1, e1057, 2023.

NASCIMENTO, V. F.; DAIBEM, A. M. L. Percepções de docentes universitários sobre o ambiente de trabalho. **Persona y Bioética**, v. 24, n. 1, p. 28-42, 2020. Doi: 10.5294/pebi.2020.24.1.3

OLIVEIRA, E. C.; SANTOS, V. M. Adoecimento mental docente em tempos de pandemia. **Brazilian Journal of Development**, v. 7, n. 4, p. 39193-39199, 2021. Doi: 10.34117/bjdv7n4-399

OLIVEIRA, E. N. et al. Covid-19: repercussões na saúde mental de estudantes do ensino superior. **Saúde em Debate**, v. 46, n. 1, p. 206-220, 2022. Doi: 10.1590/0103-11042022E114P

OZAMIZ-ETXEBARRIA N. et al. Prevalence of Anxiety, Depression, and Stress among Teachers during the COVID-19 Pandemic: A Rapid Systematic Review with Meta-Analysis. **Brain Sciences**, v. 11, n. 9, p. 1172, 2021. Doi: 10.3390/brainsci11091172

PEREIRA, S. L. M. et al. Predictors of job stress and alcohol consumption amongst university professors. **Archives of Psychiatric Nursing**, v. 40, p. 137-146, 2022. Doi: 10.1016/j.apnu.2022.07.009

PINHO, O. S. et al. Trabalho remoto docente e saúde: repercussões das novas exigências em razão da pandemia da Covid-19. **Trabalho, Educação e Saúde**, v. 19, p. e00325157, 2021. Doi: 10.1590/1981-7746-sol00325

REBOLO, F.; URT, S. C. Saúde e adoecimento de professores universitários: uma revisão integrativa de teses e dissertações produzidas no Brasil. **Educação**, v. 47, n. 1, p. e70, 2022. Doi: 10.5902/1984644453279

REZER, F.; FAUSTINO, W. R. Síndrome de burnout em enfermeiros antes e durante a pandemia da COVID-19. **Journal Health NPEPS**, v. 7, n. 2, p. e6193, 2022.

SANCHEZ, H. M. et al. Impacto da saúde na qualidade de vida e trabalho de docentes universitários de diferentes áreas de conhecimento. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 24, n. 11, p. 411122, 2019.

SANTAMARÍA, M. D. et al. Teacher stress, anxiety and depression at the beginning of the academic year during the COVID-19 pandemic. **Global Mental Health**, v. 8, p. e14, 2021. Doi: 10.1017/gmh.2021.14

SANTOS, G. M. R.; SILVA, M. E.; BELMONTE, B. R. COVID-19: ensino remoto emergencial e saúde mental de docentes universitários. **Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil**, v. 21, n. 1, p. 245-251, 2021. Doi: 10.1590/1806-9304202100S100013

SANTOS, H. M. R. Os desafios de educar através da Zoom em contexto de pandemia: investigando as experiências e perspectivas dos docentes portugueses. **Práxis Educativa**, v. 15, p. 1-17, 2020. Doi: 10.5212/PraxEduc.v.15.15805.091

SANTOS, J. T. T. et al. Dificuldades enfrentadas por docentes do ensino superior frente ao contexto da pandemia de COVID-19. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, v. 88, n. 1, p. 111-126, 2022. Doi: 10.35362/rie8814819

SANTOS, K. M. et al. Depressão e ansiedade em profissionais de enfermagem durante a pandemia da covid-19. **Escola Anna Nery**, v. 25, p. e20200370, 2021. Doi: 10.1590/2177-9465-EAN-2020-0370

SILVA, S. M. F.; OLIVEIRA, A. F. Burnout em professores universitários do ensino particular. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 23, p. e187785, 2020.

SOUZA, K. R.; BARBOSA, R. H. S.; RODRIGUES, A. M. S.; FELIX, E. G.; GOMES, L.; SANTOS, M. B. M. Trabalho docente, desigualdades de gênero e saúde em universidade pública. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 26, n. 12, p. 5925-5934, 2021. Doi: 10.1590/1413-812320212612.13852021

TAUSCH, A. et al. Strengthening mental health responses to COVID-19 in the Americas: a health policy analysis and recommendations. **The Lancet Regional Health Americas**, v. 5, p. 100118, 2022. Doi: 10.1016/j.lana.2021.100118

TEIXEIRA, T. S. C.; MARQUEZE, E. C.; MORENO, C. R. C. Academic productivism: When job demand exceeds working time. **Revista de Saúde Pública**, v. 54, p. 117, 2020. Doi: 10.11606/s15188787.2020054002288

TORRES, A. G. et al. Covid-19 e saúde mental de universitários: revisão integrativa internacional. **Revista Psicologia e Saúde**, v. 13, n. 4, p. 183-197, 2021. Doi: <http://dx.doi.org/10.20435/pssa.v13i4.1567>

TRETTEL, A. C. P. T. et al. Factors associated with suicidal ideation during the COVID-19 pandemic in a population in the Brazilian Legal Amazon. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 27, p. 3157-3170, 2022. Doi: 10.1590/1413-81232022278.04972022

VASCONCELOS, I.; LIMA, R. L. Work and health-illness of professors from public universities. **Revista Katálysis**, v. 24, n. 2, p. 364-374, 2021. Doi: 10.1590/1982-0259.2021.e78014

VIEIRA, C. A. L. et al. Prevalência e Preditores de Transtornos Mentais Comuns entre Professores Universitários do Interior Cearense. **Revista Psicologia: Organizações e Trabalho**, v. 23, n. 1, p. 373-2382, 2023. Doi: 10.5935/rpot/2023.1.23038

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). **International Classification of Functioning**. Disability and Health: ICDH-2. Geneva: WHO, 2001.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). **World mental health report: transforming mental health for all**. Geneva: World Health Organization, 2022.

XIANG, Y. T. et al. Timely mental health care for the 2019 novel coronavirus outbreak is urgently needed. **Lancet Psychiatry**, v. 7, n. 4, p. 228-229, 2020. Doi: 10.1016/S2215-0366(20)30046-8

ZAMARRO, G.; PRADOS, M. J. Gender differences in couples' division of childcare, work and mental health during COVID-19. **Review of Economics of the Household**, v. 19, p 11-40, 2021.